

PROFESSORA SINHAZINHA WANDERLEY: UMA EDUCADORA PROTAGONIZANDO PRÁTICAS INOVADORAS NA CIDADE DO ASSÚ/RN

Gilson Lopes da Silva¹

RESUMO: Maria Carolina Wanderley Caldas nasceu em Assú (RN) em 1876 e faleceu na mesma cidade EM 1954. Os estudos da menina ocorreram em sua casa, com os familiares, com ensinamentos de música, literatura, catecismo, francês, inglês e latim, numa época em que poucas mulheres tinham esse privilégio. Sinhazinha Wanderley, como ficou conhecida, viveu numa época em que a cidade de Assú (RN) se destaca pela produção da imprensa, poesia, prosa e teatro, manifestações que influenciaram Sinhazinha. A professora compôs hinos cívicos e religiosos, peças teatrais, poesias e textos para revistas e jornais, além de contribuir com o desenvolvimento educacional da cidade e ter levado diversas práticas culturais para a sala de aula. O objetivo deste trabalho é evidenciar o protagonismo e as práticas pedagógicas desenvolvidas pela professora. O referencial teórico está embasado nas reflexões de Magalhães (2004), principalmente nas noções de agentes e sujeitos. Como procedimento metodológico realizamos levantamento bibliográfico e documental. Na cidade do Assú, Sinhazinha fundou o Externato São José, escola que funcionava na sala principal de sua casa e atendia crianças da elite local e humildes. Com a implantação do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, em 1911, a professora passou a fazer parte do corpo docente realizando representações teatrais, ensinava por meio de poesias e cantos, organizava atividades comemorativas e passeios, práticas educativas que expressam o protagonismo dela no contexto social e educacional da cidade.

Palavras-chave: Sinhazinha Wanderley. Protagonismo. Práticas educativas.

Introdução

Maria Carolina Wanderley Caldas (Sinhazinha Wanderley), nasceu na cidade do Assú/RN em 30 de janeiro de 1876. Era filha do Dr. Luís Carlos Wanderley e D. Francisca Carolina Lins Caldas, que faleceu um ano e três meses após o nascimento da filha. A recém-nascida foi criada pelo Coronel Francisco Justiniano Lins Caldas e D. Umbelina Wanderley Caldas, tios e amigos de seus pais. O pai adotivo de Sinhazinha Wanderley também era professor de Latim e o contato da menina com a leitura e a escrita ocorreu em sua própria casa recebendo aulas de música, literatura, catecismo, francês, inglês e latim, dispendo, dessa forma, de uma educação esmerada, numa época em que poucas mulheres tinham esse privilégio.

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRN e professor do Curso de Pedagogia da Faculdade do Complexo Educacional Santo André (FACESA – ASSÚ/RN). E-mail: gillopes2000@hotmail.com

Sinhazinha Wanderley viveu numa pequena cidade sertaneja marcada por uma efervescência cultural com destaque para o jornalismo, a poesia, a prosa, o teatro e a música, manifestações culturais e artísticas que começaram a ganhar ênfase na segunda metade do século XIX e exerceram grande influência sobre sua atuação profissional. Além de uma amante da cultura, ela também contribuiu para a educação na cidade do Assú mantendo o Externato São José, cujo funcionamento se dava na sala principal de sua casa. Com a implantação na cidade do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, em 07 de setembro de 1911, a professora passou a fazer parte do corpo docente, permanecendo nessa instituição até meados da década de 1950.

O objetivo desse trabalho é evidenciar o protagonismo profissional e as práticas pedagógicas desenvolvidas pela professora. O referencial teórico está embasado nas reflexões de Magalhães (2004), principalmente nas noções de agentes e sujeitos, identificados pelo autor como gestores, docentes, funcionários e alunos, personagens envolvidos na dinâmica das instituições educativas e que agem de formas variadas no sentido de atingir seus intentos, demonstrando ser necessário inferir propósitos, perspectivas, formas de realização e participação e itinerários escolares e extraescolares.

Como procedimento metodológico realizamos levantamento bibliográfico sobre trabalhos voltados para o contexto histórico, os aspectos culturais e a educação da cidade do Assú. Como fontes nos apropriamos de reflexões e informações sobre a vida e a produção cultural e aspectos pedagógicos da professora Sinhazinha Wanderley descritos no trabalho de Rosanália de Sá Leitão Pinheiro (1996) e desenvolvemos levantamento documental com registros de instituições em que a professora Sinhazinha Wanderley exerceu o magistério, como o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia..

Na cidade do Assú, Sinhazinha manteve a própria custa o Externato São José, escola que funcionava na sala principal de sua casa e atendia crianças da elite local e humildes, de ambos os sexos. Com a implantação do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia na cidade, em 07 de setembro de 1911, a professora passou a fazer parte do corpo docente. No Grupo Escolar, Sinhazinha realizava representações teatrais, ensinava utilizando poesias e cantos, organizava atividades comemorativas e passeios. A professora também dava aulas de canto na Escola Isolada Ponciano Souto que funcionou no Centro Operário Assuense. As práticas educativas de Sinhazinha Wanderley na cidade do Assú, no final do século XIX até 1950, ano de sua aposentadoria, expressam o protagonismo dela no contexto social e educacional da cidade.

Sinhazinha Wanderley: uma vida dedicada à literatura e à cultura do Assú

Maria Carolina Wanderley Caldas, mais conhecida como D. Sinhazinha Wanderley, nasceu na cidade do Assú (interior do Rio Grande do Norte) no dia 30 de janeiro de 1876. Era a oitava filha do primeiro casamento de Dr. Luís Carlos Wanderley e D. Francisca Carolina Lins Caldas, que faleceu um ano e três meses após o nascimento de D. Sinhazinha. Meses depois da morte da esposa, Dr. Luís Carlos casou-se novamente com a cunhada Maria Carolina, porém, a recém-nascida passou a ser criada pelo Coronel Francisco Justiniano Lins Caldas e D. Umbelina Wanderley Caldas, tios e amigos de seus pais e que faziam parte do contexto das famílias mais abastadas do Estado. Além de circular na vida política e social da cidade do Assú, o pai adotivo de Sinhazinha Wanderley também era professor de Latim e o contato da menina com a leitura e a escrita ocorreu em sua própria casa.

Como membro de uma das famílias mais importantes na cidade do Assú na passagem do século XIX para o XX, Sinhazinha recebeu em sua própria casa, e por parte dos familiares ou de professores particulares, aulas de música, literatura, catecismo, francês, inglês e latim. Essas aulas de línguas estrangeiras eram oferecidas geralmente às pessoas de destaque social na cidade principalmente por padres e freiras que desenvolviam trabalhos religiosos na localidade. (Pinheiro, 1997).

A cidade do Assú no período em que Sinhazinha viveu é marcada por uma efervescência cultural com destaque para o jornalismo, a literatura, com a poesia e a prosa, e às artes, com o teatro e a música. Essas manifestações começaram a ganhar ênfase na segunda metade do século XIX com o início da publicação de diversos jornais que abriram o cenário da vida literária na cidade. Sob a responsabilidade de João Carlos Wanderley, o jornal O Assuense foi o primeiro periódico a circular na cidade em 1867. A partir daí vieram diversos outros jornais considerados de grande, médio e pequeno porte, alguns com vida efêmera e outros com um período de existência mais demorado.

Amorim (1965) fez um levantamento dos impressos que circularam na cidade entre os anos de 1867 e 1965. Começando pelo Jornal O Assuense, de 1867, até O Bisu, de 1965, o memorialista catalogou 117 periódicos publicados diariamente, semanalmente ou mensalmente e que destacavam em suas páginas temas e assuntos variados como política, moral, notícias, críticas, humor, educação, literatura, poesia, comércio e religião, entre outros.

A produção poética se desenvolveu a partir do final do século XIX. Ferreira (1999) destaca que o Assú teve realce no panorama da cultura e literatura potiguar como uma das detentoras de maior número de poetas, recebendo, assim, o epíteto de Cidade dos poetas. As produções locais apresentavam estilos diversificados, com temas satíricos, românticos, modernos, cívicos, populares e regionais, evidenciando ainda as paisagens do Vale do Açu e registrando aspectos históricos e o amor a terra. Porém, a atuação dos poetas assuenses não se limitava apenas a essa produção, dado que também escreviam prosas, artigos para jornais, peças teatrais, hinos religiosos e cívicos e crônicas com temáticas variadas, evidenciando, principalmente, o cotidiano da cidade. O registro dos elementos históricos, dos tipos e da geografia do contexto local presentes nas linhas dos escritores assuenses colaboram com a construção da própria identidade da cidade, dado que “as histórias da cidade passam pelas ruas porque os passantes tecem os lugares, dando qualidades a essa trajetória de cerzir a cidade”. (BARBOSA, 1999, p. 159).

A família do médico Luiz Carlos Lins Wanderley apresentou contribuições significativas para o desenvolvimento da arte poética na cidade do Assú por meio das produções do próprio médico e de seus filhos Segundo Wanderley, Ezequiel Wanderley, Celestino Wanderley e Maria Carolina Wanderley Caldas (Sinhazinha Wanderley).

Paralelo ao desenvolvimento da literatura assuense destacamos também o teatro. Em 16 de março de 1884 foi fundada a Sociedade Recreio Familiar, que deu origem ao Teatro São José. Com o desaparecimento da Sociedade Recreio Familiar e do Teatro São José, foi criada em 1891 a Sociedade Recreio Dramático Juvenil Assuense, encenando suas peças no Teatro São João, inaugurado em 24 de fevereiro de 1892. Esse novo espaço funcionou até 1897. No dia 24 de junho de 1902, foi criada a Fênix Dramática Assuense, que estreou suas atividades num armazém comercial localizado na Rua São Paulo, onde improvisaram um pequeno palco. Desaparecida a Fênix Dramática, em 1912 surge o Clube Dramático Arthur Azevedo que adquiriu um prédio na Rua de Hortas onde foi inaugurado no dia 1º de dezembro de 1912 o Teatro Alhambra.

Entre 1925 e 1930², o industrial Francisco Fernandes Martins idealizou e construiu um novo teatro na cidade com espaço amplo e grandes dimensões para a época que também realizava espetáculos musicais e projeção de filmes mudos e foi chamado posteriormente de Cine Teatro Pedro Amorim. As expressões artísticas apresentadas nesse novo espaço eram

² Não especificamos a data correta de inauguração do Cine Teatro Pedro Amorim porque alguns registros divergem. Contudo, apontam sempre esse recorte temporal.

realizadas por companhias vindas de fora e por grupos e sociedades dramáticas locais, com dramas e comédias representadas e escritas pelos filhos da terra (AMORIM, 1972).

Ferreira (1999), aponta que os principais nomes das famílias que contribuíram com o desenvolvimento da vida literária e cultural da cidade do Assú são descendentes dos europeus que dominaram e colonizaram a região, notadamente, portugueses e holandeses, como as famílias Wanderley, Lins, Amorim e Caldas.

A convivência que Sinhazinha Wanderley manteve com essas práticas culturais desenvolvidas na cidade também despertou nela uma vocação para se dedicar às artes explorando em suas produções os aspectos locais e demonstrando grande amor por sua terra. E mesmo sendo de uma família abastada e tendo a possibilidade de migrar para lugares mais desenvolvidos, ampliando seus conhecimentos ou difundindo suas produções como fizeram alguns de seus parentes, ela preferiu morar permanentemente no Assú. a professora participou ativamente da vida cultural da cidade por meio de uma extensa produção que envolvia a música, com a composição de hinos religiosos e cívicos, peças teatrais, textos para jornais e poesias, expressando a supervalorização da religiosidade, do sentimentalismo, do nacionalismo e de um profundo amor que sentia por sua terra. Inclusive, é de sua autoria o hino oficial da cidade do Assú³:

Qual um canto harmonioso

Das aves, pelo ramado

A minha'alma te festeja

Meu Assú, idolatrado.

Torrão bendito hei de amar-te

Dentro do meu coração.

Salve, Assú estremecido,

Salve, salve ó meu sertão.

Palmeiral da minha terra

As várzeas cobrindo estás

Tu qu'és útil pelo inverno

E pela seca ainda mais

Valoroso, florescente,

Em face dos mais sertões

³ O Hino oficial da cidade do Assú foi instituído no dia 10 de outubro de 1969 sob a Lei Municipal N° 06/69. Segundo o artigo 3° dessa Lei: “Fica oficializado, como Hino do Município do Açu, o composto do poema e música da saudosa poetisa e musicista açuense, Sinhazinha Wanderley”.

Hão de erguer-te o nosso esforço

Nossos bravos corações.

De acordo com Montenegro (1978, p. 71) “com a pujança de sua inspiração e amor telúrico ao seu Açú querido”, Sinhazinha tornou-se uma musicóloga, escritora e poetisa de grandes méritos “que conseguiu perpetuar-se nas músicas que compôs, nos versos que fez. Centenas de meninos e de fieis cantam nas escolas e nas igrejas, a sua alma poética e mística, através de hinos religiosos e patrióticos, os mais expressivos”. A professora colaborou em jornais locais escrevendo textos com temas diversos e poesias, como na Revista Paládio (1915) em que publicou os versos Recreio e A nova Escola, ou na Revista Atualidades de 1950 em que escrevia textos variados⁴. Seus escritos abordam temas sentimentalistas, filosóficos, sociológicos e existências. A professora também destacou as belezas naturais da terra e os tipos humanos e acontecimentos do Assú, como na poesia que reproduzimos a seguir publicada na Revista Atualidades em 26 de fevereiro de 1950 (p. 5):

Assú, Às 11 do dia

São horas de almoçar, há movimento,
Badala no Mercado, uma sinêta,
Há gente pelas ruas, na Valeta
Um pequeno tropeça e, no momento...
Um carro a buzinar, corre violento
Um preto a pedinchar uma gorgêta,
Não guarda um só centavo na gaveta,
Compra aguardente em vez de um alimento!
Há silêncio nos lares. Nos hotéis,
Engenheiros, Bancários, Coronéis,
Vão fazer sua farta refeição.
Enquanto um pobre ser, acororado,
Tira do “caco” um sebo mal torrado
E o põe a misturar-se no feijão...

⁴ Apesar de não ter publicado livros, a produção intelectual da professora Sinhazinha Wanderley pode ser encontrada em diversas obras de memorialistas e escritores assuenses como Wanderley (1965), Vasconcelos (1977), Montenegro (1978), Fonseca Filho (1984), Lopes (2011) e na coluna Paisagens da Minha Terra que a professora escrevia semanalmente no Jornal Atualidades, periódico que circulou na cidade do Assú durante o ano de 1950.

Fonseca Filho (1984, p. 57), afirma que a professora era uma amante dos versos, que ora se mostravam tristes, “ora jocosos. Escrevia versos para si e para os outros. Não havia um batizado, festa de aniversário, bodas de casamento ou outro acontecimento social em que não estivessem presentes as quadrinhas de Sinhazinha Wanderley”.

Uma vida dedicada à arte de ensinar

Além de uma amante da cultura, Sinhazinha Wanderley também exerceu grandes contribuições na educação da sociedade assuense. Por volta de 1908 ou 1909, já contando quase duas décadas da implantação do governo republicano, a professora manteve com recursos próprios o Externato São José. Essa escola funcionava na sala principal de sua casa, numa mesa grande com cadeiras ao redor que serviam de assento aos alunos. A escola funcionava sem subvenção e atendia inclusive crianças pobres dos sexos feminino e masculino. A proposta de ensino era elaborada pela própria professora que enviava correspondências para livrarias de São Paulo solicitando livros e material de ensino como cubos coloridos, alfabeto com animais e globo terrestre. Pinheiro (1997, p. 131), destaca que nessas aulas ela distribuía lápis e caderno para as crianças e “tinha por hábito realizar passeios às margens do Rio Assu, ou do córrego existente naquela cidade, onde dava aulas de Ciências e de Geografia. O percurso, durante o qual a professora e crianças entoavam canções infantis, era feito a pé”.

Francisco Amorim frequentou o Externato São José e apresenta outros aspectos das práticas pedagógicas da professora. De acordo com o memorialista assuense (1982, p. 9), a poetisa e musicóloga, que já lecionava cheirando à pedagogia moderna, “Ensinou-me música e fez-me aprendiz de flautim, chegando ao ponto de, sob sua batuta, tocar a muribeca, por ocasião de uma missa consagrada à Nossa Senhora da Conceição”. Mesmo sendo uma escola que funcionava com os próprios recursos da mestra, e independente de fazer parte de um grupo que tinha uma melhor condição social, Sinhazinha recebia em sua escola crianças pobres e ricas, como é o caso de Francisco Amorim que era filho do único farmacêutico da cidade na época.

As práticas desenvolvidas por Sinhazinha Wanderley no Externato São José, chamam a atenção por evidenciar métodos que expressam as inovações pedagógicas que estavam se difundindo por todo o Brasil com a reforma educacional proposta pelo governo republicano, presentes nos grupos escolares. Fica evidente, principalmente, a relação das práticas e do material utilizado nas aulas com o método intuitivo que orientou a metodologia preconizada

nos grupos escolares e que tinha como objetivo desenvolver as habilidades e ampliar as dimensões de ensino-aprendizagem dos alunos despertando a observação e os sentidos. Inclusive, a própria Sinhazinha Wanderley compôs o primeiro corpo docente do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia instalado na cidade do Assú em 1911. Dessa forma, o Externato São José também pode ter servido como um laboratório para a nova empreitada que a professora passaria a viver no campo educacional.

Os grupos escolares já estabeleciam em todo o Brasil um modelo emergente de modernização do ensino primário com novas propostas e características pedagógicas, arquitetônicas, metodológicas e profissionais totalmente diferentes das vigentes durante o período imperial. Tinham a finalidade de substituir as escolas de primeiras letras que funcionavam nas residências dos professores ou em outros ambientes insalubres, com métodos e material pedagógico considerados ultrapassados e contando muitas vezes com professores com pouca formação.

O primeiro grupo escolar do Rio Grande do Norte foi instalado na cidade de Natal. O Grupo Escolar Augusto Severo foi criado pelo decreto nº174 em 5 de março de 1908, no exercício do governo de Antônio José de Souza e Melo (1907- 1908). E no ano seguinte foi instalada a Reforma da Instrução Pública na perspectiva de estabelecer diretrizes para o sistema de ensino público, no âmbito do ensino primário, secundário e normal, sob a responsabilidade do Estado. O Grupo Escolar Augusto Severo também passa a ser a “Escola-Modelo” para outros grupos construídos no Estado. (MOREIRA, 2005).

O Governador Alberto Maranhão publicou no dia 11 de agosto de 1911 o decreto nº 254 criando na cidade do Assú o Grupo Escolar “Tenente Coronel José Correia, compreendendo duas escolas elementares, uma para cada sexo e uma mista infantil” (RIO GRANDE DO NORTE, 1911). A inauguração do grupo escolar ocorreu no dia 07 de setembro de 1911, data em que se comemorava a Independência do Brasil.

Os grupos escolares contavam com um corpo de funcionários comprometidos com a qualidade da educação e que deveriam trabalhar respeitando as orientações estipuladas nos documentos reguladores. Souza (1998, p. 62), afirma que os grupos foram “responsáveis por uma nova organização do trabalho e pela distribuição interna do poder dentro da escola”. Magalhães (2004, p. 144), chama a atenção para as relações e hierarquias que se estabelecem entre os sujeitos e agentes que participam das instituições educativas. Segundo o teórico:

Na área pedagógica e didática, a relação entre professores, alunos e funcionários é fundamental (sendo contudo central a relação entre o corpo docente e o discente). Na área de direção e gestão, quer os alunos quer os

professores, enquanto docentes, são secundados ante os órgãos de administração, chefia e poder.

Na primeira turma de docentes do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia foram empossados o professor Luiz Correia Soares de Araújo, que também assumiu a direção do estabelecimento, as professoras Clara Carlota de Sá Leitão e Maria Carolina Wanderley Caldas (Sinhazinha Wanderley) e o porteiro-zelador Manoel Marcolino Filho. Clara Carlota e Sinhazinha Wanderley foram nomeadas provisoriamente para assumir as cadeiras feminina elementar e infantil mista, respectivamente. As professoras não tinham titulação formal na época da criação do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. Para assumirem o cargo efetivo era exigida a formação profissional do ensino primário que deveria ser realizada num curso oferecido pela Escola Normal com um estágio realizado no Grupo Escolar Augusto Severo, em Natal. De acordo com Pinheiro (1997, p. 133) o curso normal contava com quatro anos de duração, sendo que:

Ao concluir o último ano, o aluno aprovado requeria a prova de capacitação profissional, a qual lhe dava o diploma de professor primário em regime efetivo, em qualquer Grupo Escolar do Estado do Rio Grande do Norte. Os professores atuantes em grupos escolares que funcionavam no interior do Estado, e em regime de contrato provisório, poderiam solicitar ao Diretor Geral de Instrução, cargo hoje correspondente ao de Secretário de Educação, a inscrição nos exames de habilitação.

No ano de 1918 as professoras fazem o pedido de requerimento de inscrição nos referidos exames de admissão e enfrentaram uma longa viagem que durou três dias, a cavalo, de Assú para Taipu, onde pegariam o trem para Natal e prestariam os exames de capacitação. As provas foram realizadas entre os dias 10 e 14 de janeiro de 1918 por uma comissão composta pelos professores Ivo Cavalcante, Cônego Estevam Dantas, Theódulo Câmara, Tavares Guerreiro e Luiz Correia Soares de Araújo, antigo colega de trabalho das professoras. Maria Carolina Wanderley Caldas e Clara Carlota receberam títulos de professoras primárias e permaneceram no grupo escolar do Assú até meados da década de 1950.

As mudanças presentes nos grupos escolares apontavam novos comportamentos no cotidiano da sala de aula e na ação dos professores que se afastavam do direito de autonomia didática e do sentimento de propriedade da escola como era tão comum nas escolas de primeiras letras do período imperial. Os novos processos pedagógicos e didáticos que se estabeleceram nos grupos e que seguiam as orientações do método intuitivo destacam uma nova forma relacional inovadora entre professores, alunos e o conhecimento. Pinheiro (1997, p. 141) salienta que com a aplicação desse novo método inaugurava-se:

Uma forma diferente de ensinar que implicava diretamente na relação entre alunos e o conhecimento que antes, na maioria das vezes, caracterizava-se pelo tédio, pavor ou monotonia. Para aprender era preciso, quase sempre, experimentar a dor, o terror, o pavor, o medo ou a humilhação. Não aprender significava vivenciar o sentimento de fracasso diante das expectativas dos colegas, do professor, da família, e, conseqüentemente, a humilhação. Significava, também, a possibilidade de ser punido, na maior parte das vezes, fisicamente.

Dessa forma, a palmatória que representava o principal instrumento de punição adotado no cotidiano das escolas de primeiras letras do período imperial e representava o poder e a autoridade do professor, além de uma provável segurança de que o processo de escolarização seria eficaz, perde seu lugar central e sua função disciplinadora. Ao menos legalmente, os castigos físicos dão lugar a uma prática mais branda e respeitável entre professores e alunos apresentando uma transformação de cumplicidade, respeito e afeto nas relações que se estabelecem entre ambos. De acordo com Faria Filho (2014, p. 166, grifo do autor), nesse novo momento da educação primária “elogiava-se a professora que não mais empregando o ‘bolo’ conseguia conduzir sua turma com energia, carinho e sensibilidade”.

Os processos didáticos e metodológicos adotados nos grupos escolares expressavam uma nova orientação pedagógica dada ao ensino que trouxe novos rumos para o ensino. Segundo o artigo 42 da Lei 405 de 29 de novembro de 1916 (RIO GRANDE DO NORTE, 1916, p. 53), as lições aplicadas nos grupos escolares:

[...] serão sobretudo práticas e concretas; os professores as encaminharão de modo que as faculdades do alumno sejam incitadas a um desenvolvimento gradual e harmônico, cumprindo ter em vista o desenvolvimento da faculdade de observação, empregando-se para isto processos intuitivos.

Os princípios do método intuitivo rejeitavam as aulas apenas expositivas com o intuito de despertar a atenção dos alunos com perguntas e explicações, provocando a sua participação. Azevedo e Stamatto (2012, p. 57), assinalam também que para um melhor benefício dos processos intuitivos, “a experiência baseada nos sentidos deveria ser associada à recreação e ao prazer, estratégia para o desenvolvimento da criatividade dos alunos com o fito de levar à educação intelectual”.

Em entrevista cedida para Rosanália de Sá Leitão Pinheiro (1997, P. 150), Clarice de Sá Leitão Soares, que iniciou o curso primário no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia, apresenta o seguinte depoimento:

O primeiro ano infantil era a classe da alegria. Ali cantava-se, declamava-se. Fazia-se calistênica⁵, marchas e evoluções na própria classe. Ninguém sentia-se cansado. Relembrando tudo isso ainda sinto saudades, até a emoção. Ao início da aula cantávamos:

Deixemos os brinquedos vamos estudar
O mestre é nosso amigo, a escola outro lar
Atentos pois ouçamos dos mestres as lições
Que ilustram nossa mente
Que nos tornam bons.
O término era com canto também:
Até amanhã escola
Com saudades te deixamos
Na certeza que consola
Que bem cedo voltaremos
Depois de estudarmos tanto
Como é grato repousar
No amparo amigo e santo
Da sombra amável do lar.

Aluna de Sinhazinha Wanderley no grupo escolar, Clarice de Sá Leitão relembra que a professora “era o protótipo da educadora”, pois dava sempre “aulas maravilhosas! Era a escola da vida e a pedagogia do amor”. Sobre o material didático utilizado em sala, Clarice também informa que “Havia na classe mapas de linguagem, de matemática, representado por bolinhas, para ensinar a contar” (PINHEIRO, 1997, p. 150).

A professora Sinhazinha Wanderley fazia parte de uma geração de intelectuais, em sua maioria descendentes de famílias representantes de oligarquias locais, que assumiram posições importantes no contexto cultural, literário e educacional da cidade do Assú. O uso da poesia e da literatura durante as aulas, prática constante da professora Sinhazinha Wanderley, estava em consonância com o Departamento de Educação que orientava o uso e a declamação de poesias e prosas durante as aulas de língua materna. De acordo com Clarice de Sá Leitão (PINHEIRO, 1997, p. 151), a professora “gostava de dar poesias, versinhos, muitos dos quais

⁵ A calistênica envolvia práticas de ginástica desenvolvidas nos grupos escolares. Era realizada geralmente na própria sala de aula, entre as carteiras, e consistia em movimentos regulares de cabeça, tronco e membros e evoluções entre as carteiras. A prática tinha a finalidade de regular o desenvolvimento do corpo e repousar o espírito dos educandos. Estava em consonância com o ensino proposto pelo governo republicano, desenvolvendo condições físico-psicológicas e despertando aspectos intelectuais, morais e físicos dos alunos.

ela própria fazia para aprendermos. Na hora da declamação ela chamava cada aluno que tinha que vir a mesa da professora ao lado, e declamar em frente aos colegas”.

O uso das poesias em sala e a importância do ato de declamar, que relacionam ao mesmo tempo a escrita e a oralidade, nos remete a Frago (1993, p. 21). Para o autor, “justamente porque a linguagem é um fenômeno oral, porque o homem é um ser que fala – que pensa com a fala e que fala quando e como pensa –, [...] a alfabetização e a oralidade não devem ser dissociadas”, pois, opor esses dois elementos essenciais que participam tanto do processo de escolarização quanto social, supõe “um empobrecimento de ambas”. Contudo, Souza (1998, p. 202) afirma que no universo dos grupos escolares, em que as poesias também estavam voltadas para as propostas de civilidade do ideário republicano, o professor “deveria ter escrupuloso cuidado na escolha dos trechos de poesias, a fim de que não se caísse em certos preceitos pouco próprios à elevação de bons sentimentos”. Assim, entendemos que elementos como a poesia e a prosa, utilizadas por Sinhazinha Wanderley em suas aulas, não exercem funções neutras no contexto educacional. São atividades que se cruzam e se produzem mutuamente entre as normas da escola e as necessidades da sociedade.

Dessa interação entre escola e sociedade também emerge uma forma diferente de aprendizagem no cotidiano escolar. Segundo Magalhães (2004, p. 32):

A ação educativa, em síntese, integra um sujeito, um agente, um argumento, os meios adequados e desenvolve-se num determinado contexto, com vista a um fim. A educação é constructo que resulta da interação destes elementos e destes fatores por apropriação do sujeito; é relação e relacionamento.

Em termos educacionais, não há uma transmissão e uma assimilação lineares, mas da interação entre os intervenientes e da (re)construção do argumento cultural que serve de texto e de prática à ação educativa resulta um (novo) produto e todos os intervenientes são afetados, quer pela ação, quer pelo seu resultado e reflexão, como revela a evolução semântica do vocábulo aprendizagem.

Os intervenientes são os agentes e sujeitos citados pelo próprio Magalhães (2004), que participam efetivamente das instituições educativas e agem no sentido de atingir seus intentos, demonstrando ser necessário inferir os propósitos, as perspectivas, as formas de realização e participação e os itinerários escolares e extraescolares. É importante salientar que a educação e o despertar do gosto para o belo exige uma atmosfera iluminada e o próprio exemplo do envolvimento dos professores com esse universo. Para Veiga (2003, p. 411), “Somente num espaço que combine razão e sensibilidade é possível a consolidação das práticas pedagógicas destinadas à educação do gosto e formação do novo cidadão”. Os mestres deveriam apresentar gosto artístico e literário, sentimento, expressão e o

envolvimento com o canto; e Sinhazinha Wanderley, por circular por todos esses elementos na cidade do Assú, apresentava condições indispensáveis para influenciar esses hábitos nos seus alunos.

Alguns deles tornaram-se poetas por influência da convivência com a professora, como é o caso de Rômulo Chaves Wanderley, que nasceu no Assú em 1910. Amorim (1965, p. 82) informa que Rômulo foi aluno do Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia e fez, “com notas distintas, todo o curso primário e o complementar, já publicava sonetos e poemas n’A Cidade e no Jornal do Sertão, para o qual escreveu as primeiras crônicas, revelando sempre acentuado amor as letras”. Mudando-se para Natal, Rômulo atuou nos jornais A República, Diário de Natal, A Notícia e Tribuna do Norte. Como jornalista nato foi um dos fundadores da Associação Norte-Rio-grandense de Imprensa e publicou alguns trabalhos⁶. Sua obra mais famosa é o poema Canção da Terra dos Carnaubais, registrado em livro com o mesmo nome no ano de 1965. Rômulo dedicou-o à “professora Sinhazinha Wanderley, que, ao lado do Prof. Antônio Fagundes, no Grupo Escolar Tte. Cel. José Correia, muito procurou ensinar-me, tendo, como recompensa, modestamente, a minha gratidão e o que consegui aprender” (WANDERLEY, 1965, p. 4).

João de Oliveira Fonseca também iniciou os estudos no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia a partir de 1924, onde teve seu primeiro contato com o mundo das letras. Sua primeira mestra foi a professora Sinhazinha Wanderley. Em coletânea sobre poetas do Assú, Lopes (2011) afirma que João de Oliveira Fonseca “Deve sua tendência para poesia (além de ter nascido na Terra dos Poetas), à sua primeira professora, poetisa Sinhazinha Wanderley”.

Em trabalho que registra o teatro no Assú e evidencia essa atividade cultural e artística tão aclamada no passado da cidade, Amorim (1972, p. 20) destaca que o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia “no louvável propósito de estimular os seus frequentadores nos domínios da literatura e da arte, desde seu início, sempre promoveu festividades cívicas, cuja programação não era indiferente à arte de representar”, demonstrando que essa prática também contribuía “para o aprimoramento intelectual, moral e cívico, espiritual e educacional dos moços do Assú, de vez que o treinamento da ribalta equivale, não apenas a um recreamento do espírito, mas, sobretudo, ao desenvolvimento educativo”.

⁶ Rômulo Chaves Wanderley publicou os seguintes livros: Uma tempestade num copo d’água (1951), Arca de Noé (1952), Panorama da poesia norte-rio-grandense (1965), Canção da Terra dos Carnaubais (1965) e A geografia potiguar na sensibilidade dos poetas (1984).

As apresentações teatrais realizadas no grupo escolar eram bastante recorrentes nos festivais realizados nas datas comemorativas e patrióticas seguindo as orientações do Departamento de Educação, que instituía as festas escolares nos dias 3 de maio, festa da natureza, 7 de setembro, festa da Pátria, e 19 de novembro, festa da Bandeira, entre outras. Souza (1998, p. 254) esclarece que por meio das apresentações realizadas nessas datas comemorativas e em outros momentos “a escola tornava-se palco e cenário, algumas vezes caprichosamente ornamentado, onde alunos-atores encenavam para a sociedade o espetáculo da cultura, das letras, da ordem, das lições morais e cívicas”. A data cívica em que mais se realizavam comemorações no Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia era o dia 7 de setembro, data em que também se comemorava o aniversário da inauguração da instituição. No final do ano, durante o encerramento das aulas, também eram recorrentes algumas apresentações (AMORIM, 1972).

Como grande entusiasta da prática teatral a serviço da pedagogia no Grupo Escolar do Assú, Sinhazinha Wanderley escreveu peças didáticas, incentivando a criação de elencos formados por seus alunos. Entre essas encenações, destaca-se o texto *A professora de aldeia*. Segundo Pinheiro (1997, p. 154), este drama escolar disposto em três atos foi ensaiado e apresentado pelos alunos do grupo escolar e:

mostra a dinâmica de uma escola da zona rural, daquela época, onde uma professora recém-formada, descendente de uma família abastada, que passou a ser arrimo de família, expressa seus receios e ansiedades, ante a profissão do magistério, no momento em que assume, como professora, uma classe”.

O talento da professora Sinhazinha Wanderley para os textos teatrais também é exaltado por Amorim (1972, p. 23) ao registrar que no dia 1º de dezembro de 1912, quando estava encerrando as atividades escolares,

os alunos levaram à cena, em palco adrede preparado, duas composições da talentosa professora Sinhazinha Wanderley, denominada ‘A Taba Assú’ e ‘A Reforma da Instrução’, que conquistaram francos aplausos, não só pelo bom desempenho dado, como pela inteligente elaboração das peças.

Pinheiro (1997, p. 158), explica que a peça *Taba Assú* abordava questões da história da cidade do Assú e “retratava de forma heroica a atitude do índio frente aos perigos da dominação dos colonizadores”. Os temas dos dois textos escritos pela professora Sinhazinha Wanderley expressam situações cotidianas e históricas mostrando que a arte também é uma ferramenta importante para refletir sobre temas mais amplos até mesmo nos espaços de

escolarização. Nesse sentido, Veiga (2003, p. 415) afirma que “o belo e o sublime perfilam como novas emoções estéticas apresentadas à população e para o seu desenvolvimento a escola é chamada”.

Sinhazinha Wanderley continuou exercendo funções no magistério na cidade do Assú até o ano de 1950. Sua aposentadoria foi publicada no dia 15 de setembro de 1950. Em nota da Revista Atualidades (1950, p. 9), nessa data o Legislativo local concedeu pensão “no valor de Cr\$ 1.800,00, anuais, a cada um dos professores Maria Carolina Wanderley Caldas e Manuel Candido Antunes Bezerra a começar de 1º de Agosto do corrente ano” abrindo crédito especial necessário para o pagamento da pensão.

Maria Carolina Wanderley Caldas faleceu na cidade do Assú no dia 20 de setembro de 1954:

O seu enterro aconteceu de forma simples e humilde, sem as pompas e honras como é costume no Assú, em enterros de pessoas dos setores dominantes da sociedade. No cemitério, apenas o comovido discurso do ex-aluno Francisco Amorim – Chisquito, evocando a velha e querida professora. (PINHEIRO, 1997, p. 95).

Considerações finais

Por meio deste trabalho evidenciamos o protagonismo profissional e as práticas pedagógicas de Maria Carolina Wanderley Caldas, mais conhecida como Sinhazinha Wanderley. A professora passou toda a sua vida na cidade do Assú, interior do Rio Grande do Norte, e se dedicou integralmente aos aspectos culturais e literários da cidade compondo hinos religiosos e cívicos, participando de festividades e celebrações, produzindo textos para jornais e poesias e versos. Sua atuação literária é significativa e importante, pois abrange aspectos dos tipos e da natureza da cidade do Assú de sua época, possibilitando uma compreensão do desenvolvimento local e um recorte da importância dos aspectos culturais e literários que circulavam na cidade. Compreender a participação efetiva de Sinhazinha na produção cultural e literária local também é significativo pois observamos que ela era uma das únicas mulheres que tinha um acesso à produção dessas práticas numa época em que esse espaço contava com uma participação expressiva de homens.

Sinhazinha também atuou no magistério na cidade do Assú por quase 40 anos. Toda uma geração de assuenses recebeu os ensinamentos da professora, que iniciou suas atividades no Externato São José, escola que funcionava em sua residência e já aplicava métodos pedagógicos modernos e inovadores. Posteriormente, com a implantação do Grupo Escolar

Tenente Coronel José Correia a professora passou a fazer parte da primeira turma de docentes e suas práticas pedagógicas também estão permeadas de aspectos culturais e literários. No grupo escolar, ela se utiliza de poesias e versos para ensinar aos seus alunos, cantava e realizava passeios e participava de festivais escrevendo peças e dramatizações teatrais para serem apresentadas pelos próprios alunos.

A entronização dessas práticas lúdicas e artísticas no espaço educacional demonstram que a professora era uma mulher que estava em sintonia com os aspectos culturais que circulavam na cidade do Assú e se preocupava com a participação de seus alunos nesse universo. Inclusive, alguns deles participaram da produção literária da cidade por influência da própria professora.

Referências bibliográficas

AMORIM, F. **Assú da minha meninice (Memórias)**. Natal, RN: Editora Clima, 1982.

_____. **História da imprensa do Assú**. Natal: Departamento Estadual da Imprensa, 1965.

_____. **História do teatro no Assú**. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1972.

AZEVEDO, C. B.; STAMATTO, M.. **Escola da Ordem e do Progresso: Grupos escolares em Sergipe e no Rio Grande do Norte**. Brasília: Liber Livro, 2012.

BARBOSA, M. J. Entre casas de palha e jardins: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. In: FENELON, Déa Ribeiro (org). **Cidades – Pesquisa em História**. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

FARIA FILHO, L. M. **Dos pardieiros aos palácios: forma e cultura escolar em Belo Horizonte (1906-1918)**. Uberlândia: EDUFU, 2014.

FERREIRA, C. M. F. **A poesia de Renato Caldas e sua dimensão educativa**. Dissertação (Mestrado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1999.

FONSECA FILHO, E. **Poetas e boêmios do Açu**. Natal, RN: Editora Clima, 1984.

FRAGO, A. V. **Alfabetização na sociedade e na história: vozes, palavras e textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LOPES, G. **Coleção assuense de literatura**. Natal: Sebo Vermelho, 2011.

MAGALHÃES, J. P. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MONTENEGRO, M. E. M. **Lembranças e tradições do Açu**. Fundação José Augusto, Natal-RN, 1978.

MOREIRA, A. Z. M. **Um espaço pioneiro de modernidade educacional: Grupo Escolar “Augusto Severo” – Natal/RN (1908-13)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

PINHEIRO, R. S. L. **Sinhazinha Wanderley**: o cotidiano de Assú em prosa e verso (1876-1954). Tese (Doutorado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1997.

REVISTA ATUALIDADES. Ano I, Assú, 1950.

RIO GRANDE DO NORTE. **Decreto n° 254, de 11 de agosto de 1911**. Cria na cidade do Assú o Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia. Palácio do Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, 11 de agosto de 1911.

_____. **Lei n° 405, de 20 de novembro de 1916**. Reorganiza o ensino primário, secundário e profissional no Estado. Congresso Legislativo, Natal, 29 de novembro de 1916.

SILVA, G. L. **História da Educação Primária na Atenas Norte-rio-grandense**: das Escolas de Primeiras Letras ao Grupo Escolar Tenente Coronel José Correia (1829-1929). Dissertação (Mestrado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2017.

SOUZA, R. F. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Editora Unesp, 1998.

VEIGA, C. G. Educação estética para o povo. In: In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de; LOPES, Eliane Marta Teixeira; VEIGA, Cynthia Greive Veiga. **500 anos de educação no Brasil**. 3ª ed., - Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

WANDERLEY, R. C. **Canção da Terra dos Carnaubais**. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1965.